

J. FERNANDES MASCARENHAS

**FORNOS DE CERÂMICA
E OUTROS VESTÍGIOS ROMANOS
DO ALGARVE**



— 1974 —

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII.

Organismos Officiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topografia ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958).

Coexistência Cultural no Ultramar Português.

Considerações sobre os factores educativo e económico no cooperativismo.

POR TERRAS DO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira.

A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz na igreja de Santo Estêvão de Tavira.

O Vinho da Fuseta na Economia do Algarve (Subsídios).

Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios.

Elementos de Arqueologia sobre o Algarve.

Elementos Históricos sobre a Freguesia de Santa Catarina da Ponte do Bispo e a Batalha do «Desbarato» entre mouros e cristãos.

Fornos de cerâmica e outros vestígios da civilização romana do Algarve.

POR TERRAS DO ALGARVE

**ENSAIOS DE HISTÓRIA
E ARQUEOLOGIA**

AO INSPECTOR ANTERO NOBRE

*— ao ilustre escritor e jornalista, nosso querido amigo
de infância, em homenagem muito sincera ao seu
intenso labor literário e à sua dedicação pela nossa
terra natal e pelo Algarve.*

1 — Fornos luso-romanos descobertos na Alfanzia

Na Alfanzia, onde vários achados arqueológicos se têm verificado e outros mais certamente hão-de surgir, apareceram dois fornos de cozer barro, completamente subterrados devido à deslocação das terras. Foram descobertos em 1969, pelo dono da propriedade, o nosso dedicado amigo e colaborador nas pesquisas arqueológicas feitas no local, José Luís Correia Vargues. Aliás, a quantidade enorme de restos de cerâmica e cinzas que aí apareceu, era um indício seguro de que teria existido na Alfanzia essa indústria (Fig. 1).

Pelos restos encontrados, pela sua arquitectura e traça, trata-se sem dúvida de fornos luso-romanos (*fornax*), dos poucos de que temos notícia no Algarve.



Fig. 1 — Aspecto do local onde foram encontrados os fornos

De um outro sabemos nós, que vem citado pelo Prof. Doutor José Leite de Vasconcelos em o *Archeologo Português*, no artigo *Olaria luso-romana em S. Bartolomeu de Castro Marim* ⁽¹⁾.

O referido artigo trata do forno propriamente dito e de um depósito de ânforas, acompanhado das devidas considerações gerais. Ao mesmo tempo apresenta esquemas do forno, ou melhor, a planta do mesmo. O chão, junto ao local, estava juncado de cacos de ânforas (asas, bocais, fundos e pedaços de bojos) e de cacos de telhas prismáticos grossos e outros com base de quarto de círculo, e pedaços de *opus signinum*.

Além deste forno de S. Bartolomeu de Castro Marim são indicados outros fornos de cerâmica noutros pontos do País, tais como os da margem direita do rio Sado, três deles descobertos recentemente na Herdade do Pinheiro, entre Setúbal e Alcácer ⁽²⁾, em Sines, Muge, S. Sebastião do Freixo (Batalha), Conímbriga, Egitânia, Valpaços ⁽³⁾ e em Cabanas e Terras da Fonte (Figueira da Foz), onde Santos Rocha identificou dois fornos de *tegulae* e *imbrices* ⁽⁴⁾.

O terreno onde se situam os dois fornos descobertos na Alfanzina, tem 16,80 m de comprimento por 12,80 m de largura.

No primeiro deles, aquele que se encontra em melhor estado de conservação, pois o outro está semidestruído, as suas paredes são edificadas em caliche e a abóbada em tijolo romano, muito grosso (*lateres*) com cinco arcos também de tijolo, ou sejam quatro, mais o da entrada (*praefurnium*), esta voltada para o nascente, bem como o grande canal central que constitui a fornalha.

O forno, de forma cilíndrica, tem de diâmetro 2,80 m; de altura, ou seja do tecto ao fundo, cerca de 2 m e 1 m do nível do terreno ao tecto.

Ao contrário de alguns fornos romanos ou luso-romanos que se conhecem em Portugal e lá fora, com as suas abóbadas já completamente destruídas, a deste forno encontra-se relativamente bem conservada com os cinco arcos de tijolo (Figs. 2 e 3).

⁽¹⁾ *Ob. cit.* Vol. IV, N.^{os} 10 a 12, pp. 329 a 336.

⁽²⁾ Jorge de Alarcão — *Portugal Romano*, 1973, p. 70.

⁽³⁾ *Idem*, *Mapa das minas, pedreiras e fornos cerâmicos do Portugal Romano*, p. 121.

⁽⁴⁾ *Idem*, *ibidem*, p. 140.



Fig. 2 — Aspecto interior do primeiro forno

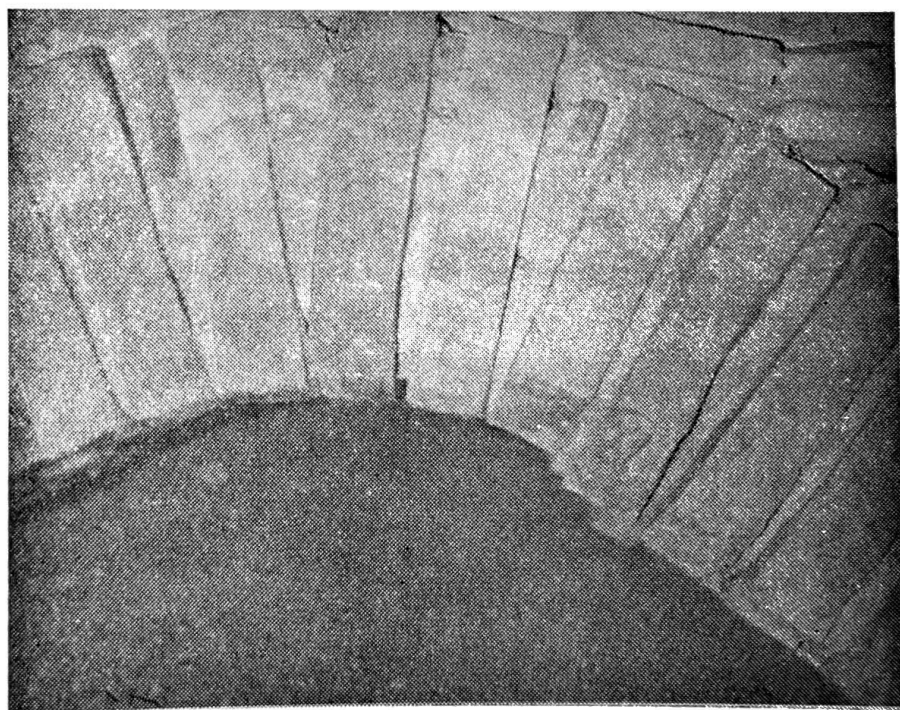


Fig. 3 — Outro aspecto interior do primeiro forno

A cova das cinzas que lhe fica próxima, é oval, com 16,80 m de comprimento.

Quanto ao segundo forno, mais à superfície do que o primeiro, deve talvez ter continuado em funcionamento muito posteriormente à época romana. Um dos tijolos encontrado junto dele, já mutilado, de 0,36 m × 0,43 m, apresenta uns sulcos digitais que parecem indicar qualquer data mais recente mas que, verdadeiramente, não conseguimos saber ao certo.

Com as características do primeiro, as suas dimensões são precisamente as mesmas (Fig. 4).

Em Moncarapacho, a que a Alfanzia pertence, houve sempre a tradição da cerâmica e a sua louça de barro chegou a ter muito boa reputação até já nos nossos dias.

Tem sido copiosa a série de restos de cerâmica encontrada na Alfanzia, na área onde estão os fornos. Além de *lateres* em grande quantidade, *tegulas*, *imbrices*, apareceram também bocados de *dolias*, *ânforas* e *lucernas*. Na asa de uma ânfora, certamente cozida num destes fornos, apareceu a marca da respectiva oficina, ou seja, *DASIM VSTELI* ⁽⁵⁾.

No referente a lucernas encontraram-se aí, entre outras, duas: uma de tipo rústico, intacta, e outra de que resta somente a parte superior, em barro fino, com um caranguejo em relevo, isto é, o *Câncer*, o quarto signo de Zodiaco.

A indústria de olaria assim como a povoação que aí existiram deviam ter sido abastecidas pela água que vinha de não muita distância, através de um canal que ainda se mantém. E como havia água com abundância e onde há água há vida, nesse local habitaram povos, designadamente romanos e luso-romanos.

Como referimos no nosso trabalho *Elementos de Arqueologia sobre o Algarve*, apareceu também a não muita distância do local dos fornos, uma necrópole ⁽⁶⁾, tendo uma das sepulturas uma estela com uma inscrição latina, certamente o cemitério da povoação. De igual forma, próximo do «Poço do Ouro», na altura que edificaram umas casas para residência, apareceram três sepulturas quadradas, relativamente pequenas, com cinzas

⁽⁵⁾ J. Fernandes Mascarenhas — *Elementos de Arqueologia sobre o Algarve*, 1967, pp. 44 e 45.

⁽⁶⁾ Idem, *ibidem*, pp. 36 a 40.

dentro. Eram as mesmas revestidas de tijolos no fundo, de lado e superiormente a fechá-las.

Devemos estas últimas informações ao nosso prezado amigo e antigo colega do Liceu de Faro, Carrajola Mamede.

Próximo dos referidos fornos, segundo informação do nosso amigo José Luís Correia Vargues, apareceram ainda restos de muros e um tanque em formigão com 1,80 m de comprimento por 1,60 m de largura.

Não há dúvida alguma que, no local que estamos a estudar, existiu uma florescente indústria cerâmica, especialmente de materiais de construção, e uma povoação que não deveria ter sido muito pequena.



Fig. 4 — O segundo forno, aspecto exterior

2 — Uma moeda de César Augusto

Na altura em que procedíamos ao reconhecimento e estudo dos fornos, foi-nos oferecida uma moeda de bronze completamente corroída no reverso. No anverso, porém, ostenta a efígie de César Augusto, primeiro imperador romano, sobrinho e herdeiro de Júlio César, bastante perfeita e com o dístico: *Caesar Avgvstvs* (Fig. 5).

César Augusto corresponde ao século mais brilhante da história de Roma. O seu governo vai de 29 a.C. a 14 d.C. (Fig. 6). Foi no seu tempo que se verificou o nascimento de Cristo, durante o recenseamento da população do Império por ele decretado e se concluiu a conquista romana da Península Ibérica, tendo-se para tal fixado em Tarraco, capital da

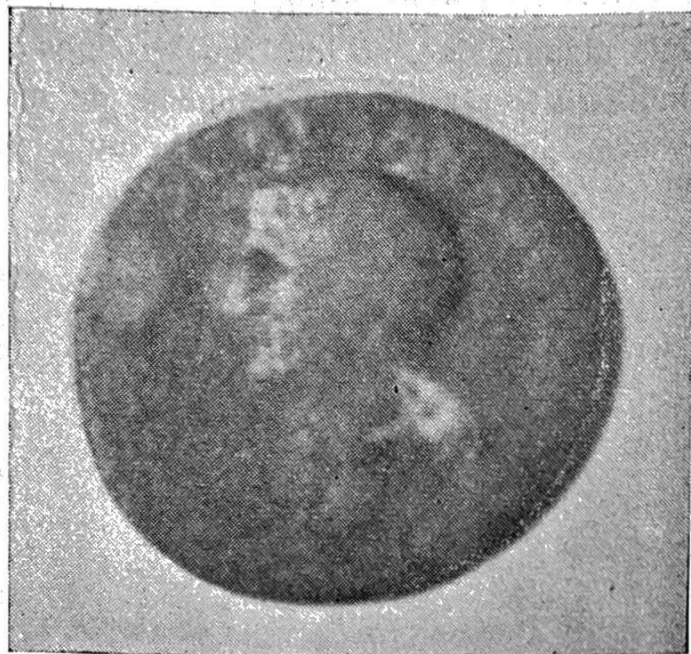


Fig. 5 — Moeda de César Augusto

Citerior, donde dirigiu pessoalmente a campanha contra os Cântabros e Ástures ⁽⁷⁾. Morreu com 77 anos, no ano 14 da nossa era, sucedendo-lhe o imperador Tibério (*Tiberius Claudius Nero*), que governou de 14 a 37 d.C. ⁽⁸⁾.

Esta moeda apareceu na mesma propriedade onde se situam os fornos, numa altura em que procediam a trabalhos agrícolas, devendo a gentileza da sua oferta à nossa prezada conterrânea Senhora D. Maria da Conceição Correia Vargues.

Tal numisma, de certo modo, indica-nos a antiguidade de alguns dos achados da Alfanzia que têm sido objecto da nossa observação.

⁽⁷⁾ Jorge Alarcão — *Portugal Romano*, p. 48.

⁽⁸⁾ António Domingos Simões Coelho — *Nymária da Lusitânia*, Lisboa, 1972, pp. 127 a 128.

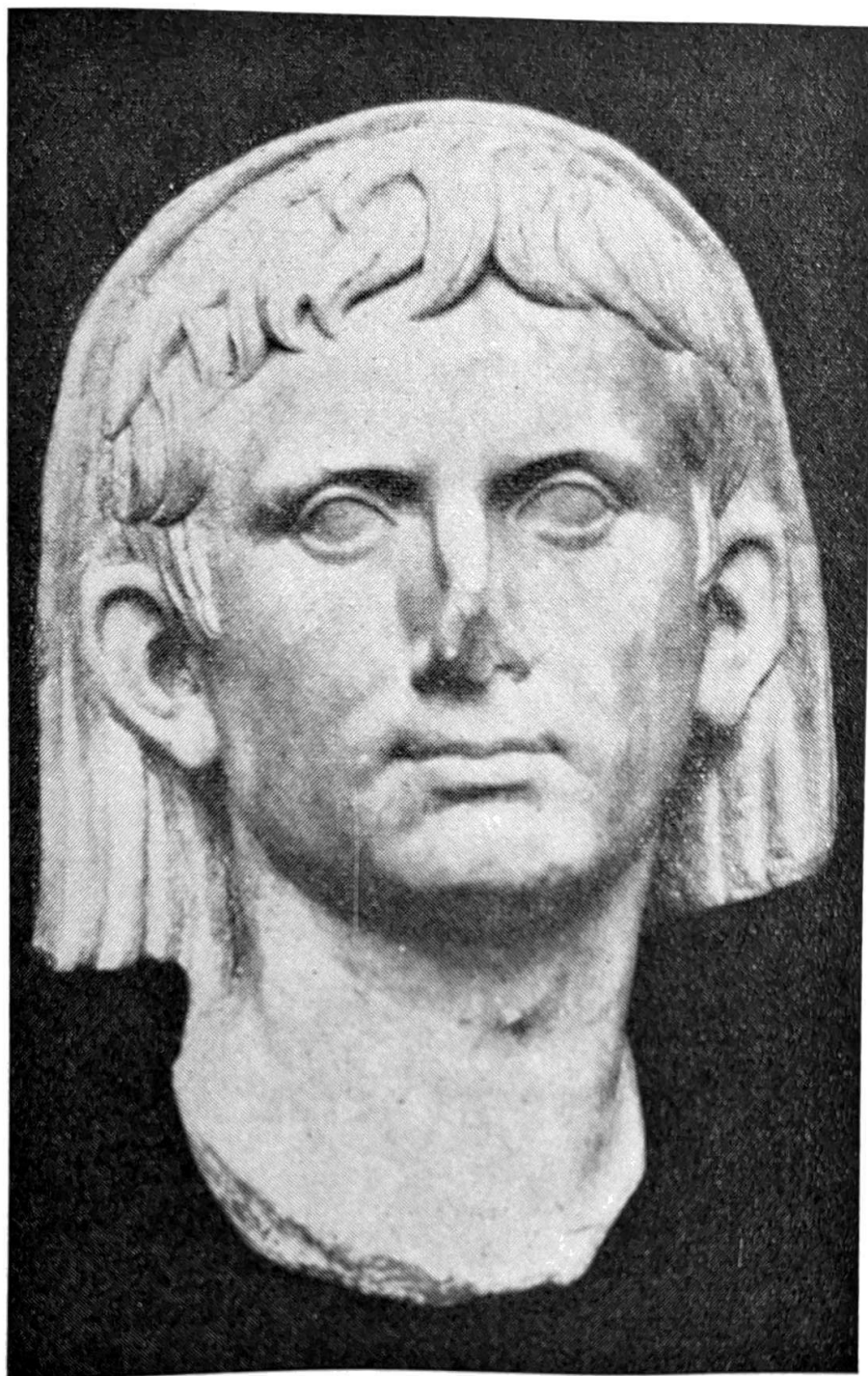


Fig. 6 — César Augusto — Museu de Mérida

3 — Ânforas romanas descobertas junto da Fuseta

A não muita distância da Alfanzia, junto das marinhas do Senhor José Guerreiro, apareceram em 1962 ânforas romanas, por diversas vezes, assim como tijolos muito grossos de argila vermelha. Encontrou-se tudo a uns

0,30 m de profundidade e os tijolos não estavam fixados ao solo, conforme nos informou em Novembro de 1969, o filho do proprietário das referidas marinhas.

As ânforas descobertas encontravam-se optimamente conservadas, uma das quais pertence ao nosso prezado amigo Rev. Senhor Padre Isidoro Domingos da Silva que, com a devida vénia, reproduzimos (Fig. 7).

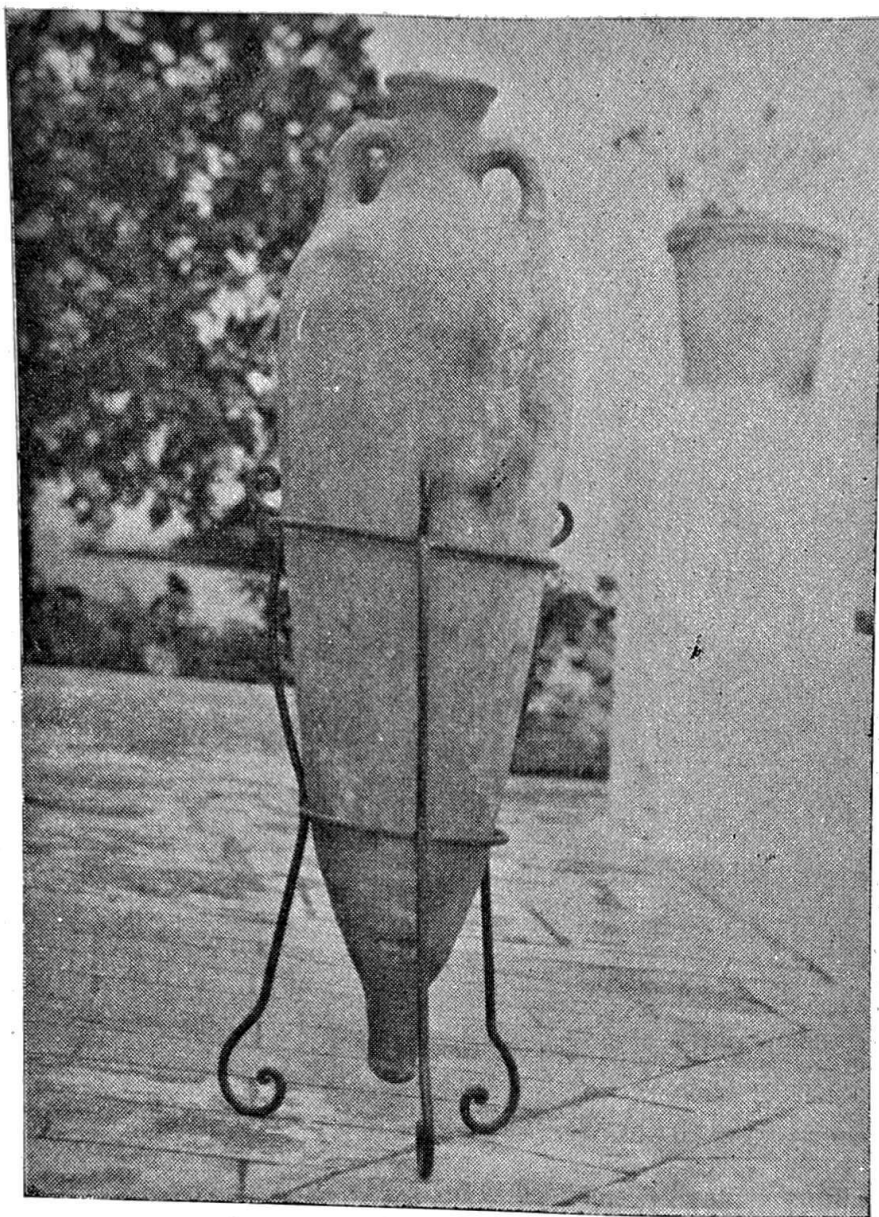


Fig. 7 — Ânfora romana

Tem de altura 0,81 m.

Não teriam essas ânforas sido fabricadas na Alfanzina e cozidas nos referidos fornos?

4 — O sarcófago romano da Quintã

Na Quintã, a não muita distância da Alfanzia, foi achado há muitos anos, um sarcófago romano, cavado numa só pedra e completamente enterrado (Fig. 8).

As suas dimensões são as seguintes: comprimento 1,94 m, largura 0,56 m e altura 0,51 m. Tem 3 rasgos para os ferros de suporte da tampa, que desapareceu.

Este sarcófago, do nosso conhecimento há muito, esteve servindo de bebedouro para os animais no quintal do nosso parente Custódio Pereira Neto, na antiga Rua dos Parreirões, em Moncarapacho, tendo sido oferecido ao Rev. Senhor Padre Isidoro Domingues da Silva pelos seus últimos proprietários, com destino ao futuro Museu Paroquial de Moncarapacho.

Em Mérida, antiga capital da Lusitânia, que visitámos em Abril de 1969, numa digressão de estudo e recreio por terras de Espanha, vimos túmulos romanos precisamente idênticos no Alcácer que Abderramán II mandou edificar sobre outras construções anteriores e onde se admira



Fig. 8 — Túmulo romano

também o célebre *aljibe* ou cisterna, contendo elementos de grande valor de ornamentação arquitectónica visigótica.

5 — Tégulas de uma sepultura

Junto ao quintal da casa do Senhor Xavier Martins, em Moncarapacho, encontraram-se em 1970, quatro tégulas romanas, todas elas marcadas com sulcos digitais, umas linhas sinuosas a indicar, certamente, que foram feitas na mesma oficina ou para idêntica finalidade.

Deviam ter pertencido a uma sepultura do género de outras que foram encontradas na Alfaxia e nas Pedras de El-Rei.

6 — Um capitel e colunas da cidade de Balsa

No aro da extinta cidade de Balsa, foi encontrado há anos, um formoso capitel romano, em mármore branco e ornado com motivos da flora.

Esta peça arqueológica pertence hoje à colecção do Rev. Pároco de Moncarapacho, tendo-lhe sido oferecida por pessoa das redondezas (Fig. 9).

Também da cidade de Balsa, foram-nos oferecidos para a nossa colecção dois grossos fustes de colunas, pelo nosso prezado primo e amigo José Rodrigues, residente em Loulé, que nos acompanhou numa visita que em 1969 fizemos a uma sua propriedade, na quinta das Antas, sita no local dessa antiga cidade, dos quais, assim como de outros achados, tínhamos conhecimento desde os tempos da nossa mocidade.

Muitos outros vestígios foram aí encontrados sobre os povos bal-senses, quer no tempo do arqueólogo Estácio da Veiga, quer posteriormente.

Na altura em que aí estivemos ultimamente, ainda vimos um ou outro pavimento em tijolos, de casas romanas arrasadas, e até vestígios de mosaicos de idêntica origem.

A importância arqueológica da região de Balsa bem merecia umas escavações cientificamente orientadas, dado que apesar das destruições e vandalismos aí verificados no decorrer dos séculos, muito deve ainda existir sob o solo, digno de observação e estudo.



Fig. 9 — Capitel romano

7 — Sepulturas luso-romanas no local da Parra

Numa fazenda da Parra, freguesia de Moncarapacho, descobriram-se em tempos várias sepulturas, numa cava profunda a que mandou proceder o seu proprietário, Senhor Casimiro Dias, já falecido.

Cada uma dessas sepulturas tinha dois esqueletos colocados em sentido oposto. Junto das cabeceiras das mesmas havia um pequeno frasco de vidro, certamente um unguentário, ou um lacrimário para as lágrimas dos parentes e amigos do defunto.

Os esqueletos, segundo informação do Senhor Joaquim Casimiro Dias, foram novamente enterrados e os frascos retirados, já não existindo. Trata-se, portanto, de sepulturas romanas ou de luso-romanos.

Também na Atabueira, encontraram-se em 1915, tégulas e moedas várias que acabaram por desaparecer.

Em toda essa região até ao mar, na direcção da velha cidade de Balsa, muitos vestígios romanos têm aparecido a confirmar eloquentemente que aí a romanização foi bastante intensa.

8 — Tijolos

Na Alfanzia tem aparecido grande quantidade de tijolos e ladrilhos romanos de diversos tipos. Entre eles os de sector circular, utilizados na construção de fustes de colunas, *opus latericium*, estas muito usadas nos edifícios erguidos por esse povo.

Diz-nos Abel Viana que «foram construídos com esses tijolos, quase todos os fustes de colunas na maior parte do Alentejo e Algarve, e também por toda a parte onde os mármore, o granito ou outra pedra apropriada era de importação custosa. *Conimbriga* constitui belo exemplo arquitectónico à base de *opus latericium*» ⁽⁹⁾.

9 — A ponte romana de Quelfes

Ainda sobre a influência romana no Algarve temos, entre outras pontes dessa origem, a que atravessa a ribeira do Almargem, «muito bem conservada, existente no limite das freguesias da Conceição com Tavira por onde até à pouco tempo se fazia o tráfego» ⁽¹⁰⁾, a da Retorta, na freguesia de Boliqueime, a de Tor, entre Loulé e Salir, a do Álamo, à saída de Loulé ⁽¹¹⁾ e a de Montemor, na freguesia de Quelfes, mais conhecida

⁽⁹⁾ *Arquivo de Beja*, Vol. XVIII-XIX, p. 124.

⁽¹⁰⁾ Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos — *Arqueologia Romana do Algarve*, Vol. II, Braga, 1972, pp 336 a 339.

⁽¹¹⁾ *Idem, ibidem*, pp. 133 a 155.

pela *Ponte Velha* e bem velha é ela na realidade, sendo sobre ela as considerações que se vão seguir.

Junto desta ponte e mesmo sobre ela travou-se um combate entre os patriotas de Olhão, Moncarapacho e redondezas contra os franceses, sendo estes aí derrotados e postos em fuga pelos matos do Joinal.

Esta derrota, embora de pequenas proporções, pode dizer-se que foi a primeira que os exércitos arrogantes de Napoleão Bonaparte sofreram na sua marcha gloriosa pela Europa fora. Verificou-se em 18 de Junho de 1808, após o grito de revolta soltado pelos olhanenses, em 16 do mesmo mês, contra o jugo nefasto dessa potência estrangeira ⁽¹²⁾.

A ponte é robusta (Fig. 10), apenas com um arco e com todas as características das pontes romanas, existindo próximo dela algumas construções relacionadas com o escoamento das águas que devem talvez ser de épocas muito recuadas, quiçá também dos romanos.

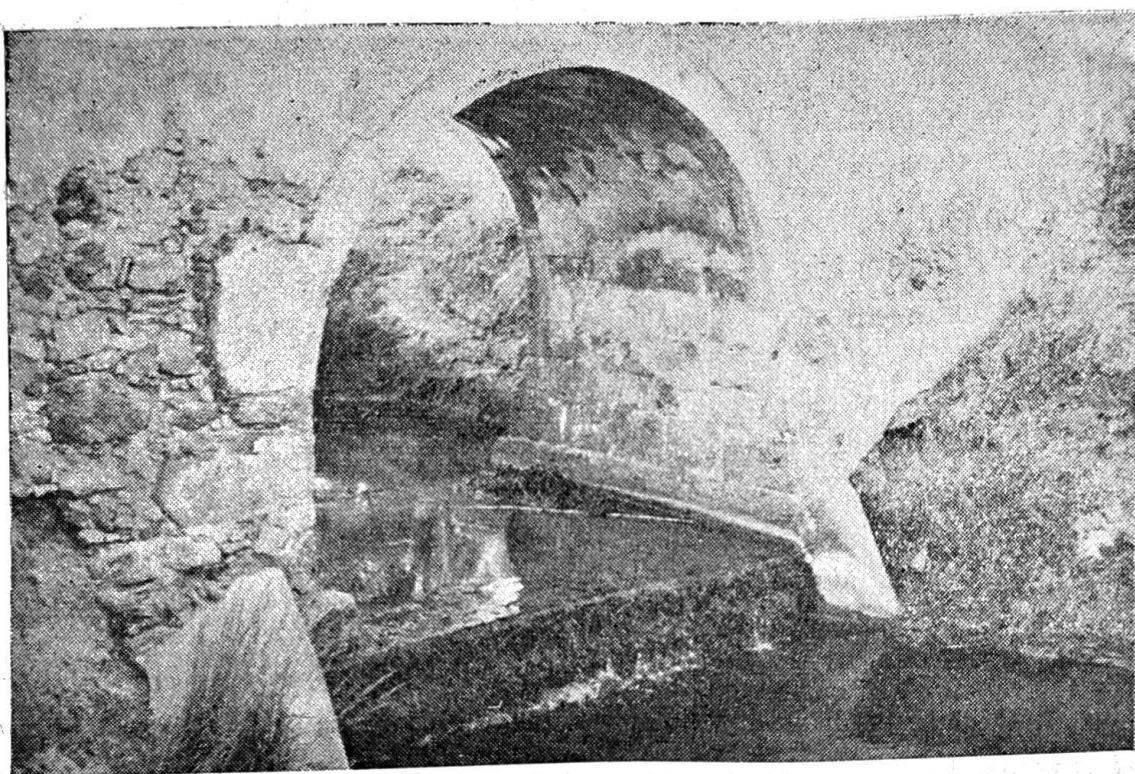


Fig. 10 — Ponte romana de Quelfes

⁽¹²⁾ J. Fernandes Mascarenhas — *A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos*, Vila Real de Santo António, 1950.

No mesmo local está também um poço onde a população se abastece de água para beber, poço antiquíssimo, talvez romano ou árabe.

Na altura em que aí estivemos foi-nos indicada pelo Senhor José Joaquim dos Santos, pessoa da região que aprecia muito as coisas antigas, uma pedra com uma inscrição que se encontrava fixada num muro muito próximo da ponte.

Por amável deferência da respectiva proprietária, Senhora D. Ana dos Mártires Rita, moradora junto à velha ponte de Quelfes, foi-nos a referida pedra oferecida com destino à nossa colecção particular, o que muito agradecemos, para depois transitar para o Museu Paroquial de Moncarapacho.

Essa pedra trabalhada, já partida nas duas extremidades, com uma inscrição muito danificada e praticamente imperceptível, tem actualmente as dimensões seguintes: altura 0,38 m; largura máxima 0,33 m; largura da base 0,19 m e espessura 0,26 m.

Como os romanos usavam pôr muitas vezes as suas pontes sob a protecção de qualquer divindade, das inúmeras existentes na Península Ibérica, não teria essa pedra feito parte de algum altar dedicado ao deus protector da ponte?

Apesar de mutilada, a sua configuração assemelha-se à de muitas aras votivas do paganismo encontradas ao abandono ou descobertas em escavações arqueológicas e hoje expostas nos museus (Fig. 11).

Nela apenas nos foi possível ler o seguinte:

F...
... V P P L I
... E V A H. P
V.S.M.

Que não se trata de um cipo funerário não nos restam dúvidas, pois a inscrição termina pelas iniciais V.S.M., que devem significar: *Votum solvit merito*. E a palavra *merito* nesta expressão, refere-se a uma divindade. Certamente significa o reconhecimento de um favor divino recebido por alguém ou antes, uma idêntica protecção impetrada, no caso da inscrição se encontrar porventura em relação com a ponte, como parece.

O que não restam dúvidas é que na freguesia de Quelfes têm sido encontrados muitos vestígios romanos, especialmente em Marim e, no

Museu de Faro, existem também restos de uma estatueta achada no sítio do Poço Longo (talvez romana), oferta do Senhor Manuel Rosa, do referido sítio.



Fig. 11 — Inscrição romana de Quelfes

BIBLIOGRAFIA

- José R. Mélida — *Arqueologia Española* — Editorial Labor, 1942.
- Pierre Crimal — *Le Siècle D'Auguste*, Presses Universitaires de France.
- Carl Grimberg — *Roma, Monarquia, República, Império... caos* (História Universal Daimon), Ediciones Daimon, Manuel Tamayo.
- Martín Almagro — *Guia de Mérida*, quarta edicion, Valência, 1969.
- Archeologo Português*, Vol. IV. N.^{os} 10 a 12.
- Jean Balelon — *La Numismatique Antique*, Presse Universitaires de France, 1964.
- J. Fernandes Mascarenhas — *Elementos de Arqueologia sobre o Algarve*, 1967.
- Estácio da Veiga — *Povos Balsenses*, Lisboa, 1866.
- Anthony Rich — *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*, Paris, 1873.
- Abel Viana — *Algumas Noções Elementares de Arqueologia Prática* (a parte referente à necrópole romana das pedras de El-Rei, freguesia da Luz de Tavira), in «Arquivo de Beja», Vol. XVIII-XIX, 1961/1962.
- Manuel Martiniano Marrecas — *Noções Elementares de Antiguidades Romanas*, Lisboa, 1864.
- John Porteous — *Les Monnaies* (texte français de Claude Pagani).
- António Domingos Simões Coelho — *Nymária da Lysitânia*, Lisboa, 1972.
- J. Fernandes Mascarenhas — *A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos*, Vila Real de Santo António, 1950.
- Jorge de Alarcão — *Portugal Romano*, Editorial Verbo, Lisboa, 1973.
- Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos — *Arqueologia Romana do Algarve*, Vol. I, 1971 e Vol. II, Braga, 1972.

ÍNDICE

	Página
1 — Fornos luso-romanos descobertos na Alfanzia	9
2 — Uma moeda de César Augusto	13
3 — Ânforas romanas descobertas junto da Fuseta	15
4 — O sarcófago romano da Quintã	17
5 — Téguas de uma sepultura	18
6 — Um capitel e colunas da cidade de Balsa	18
7 — Sepulturas luso-romanas no local da Parra	19
8 — Tijolos	20
9 — A ponte romana de Quelfes	20
BIBLIOGRAFIA	25

6858-D

MINERVA CENTRAL
LOURENÇO MARQUES